













Brasil de Dentro:
As cordas livres de

Heraldo doMonte

CONTRAPONTO

1ª edição, 2020



instituto
Çarê



Ao longo da nossa história a música, como manifestação de um povo, portou-se como cronista dos acontecimentos vividos. De sul a norte, de oeste a leste do país, pessoas das mais variadas culturas e experiências tiveram, na música, uma maneira de contar suas histórias, de narrar seus feitos, de perpetuar sua memória; sobretudo num país onde o saber escrito demorou tanto para se firmar como instrumento de registro e construção das narrativas.

Em vários momentos, o que nos chegou como registro das situações vividas pelo povo foram as canções. Algumas trazidas pela oralidade e outras escritas, como as coplas de Gregório de Mattos preservadas hoje como poemas.

De fato, o advento das gravações e suas posteriores emissões radiofônicas amplificaram essas vozes e as trouxeram ao conhecimento comum. Podemos pensar que a exuberância musical existente espelhou as várias misturas étnicas ocorridas no Brasil e também manteve acesos os valores fundantes do nosso povo. Um povo que sobretudo cantou e ainda canta a sua história.

Ora, as expressões culturais são um dos eixos transversais que estruturam uma sociedade ao construírem um sentimento de pertencimento e cumplicidade entre os viventes de um mesmo chão. Os valores em comum atuam como uma língua em que todos podem se comunicar.

Neste correr da nossa História, alguns músicos, mais que outros, foram definidores de estéticas e estilos apresentados nas suas maneiras de tocar e de compor; no entanto, seus legados nem sempre foram reconhecidos num mercado musical que se apoiava em cânones e por conseguinte também criava esquecimentos.

Este livro celebra a obra de uma pessoa que teve no pioneirismo a marca musical da sua carreira, quer como o introdutor da viola de dez cordas no segmento conhecido como música popular brasileira, nos anos 1960, quer como o guitarrista que acabou por desenvolver uma linguagem de improvisação calcada em referenciais sonoros

da cultura brasileira, longe de desenhos pré-moldados provenientes de outras escolas e estéticas musicais que sistematizaram seus processos criativos e os tornaram espécie de receitas para seguir.

Desde que nós, Elisa Bracher e Ivan Vilela, tivemos uma conversa sobre como poderíamos traçar estratégias para apoiar e divulgar músicos tão importantes na definição de novos caminhos musicais e que agora eram tão pouco reconhecidos, moldou-se um sonho que foi aos poucos esculpido.

Um dia, Elisa disse que seria importante os artistas apoiados terem parte do seu acervo musical ou todo ele reeditado. A partir desse momento um novo caminho se abriu.

Foi criado então o selo Brasil de Dentro. Uma coleção que em suas edições pretende mostrar a riqueza presente na nossa música, sobretudo a que não chegou ao conhecimento do grande público. Tendo como base um viés histórico, narrativo e reflexivo, e também o levantamento das partituras e dos discos desses autores, a coleção pretende chegar a todos os músicos e interessados em conhecer um pouco mais das belezas musicais do Brasil.

Para dar forma ao sonho, montamos uma equipe que pudesse levar a cabo a empreitada de construir um cancionário. Um cancionário que não fosse apenas um simples rol de partituras, mas sim uma publicação que trouxesse à luz, através de um ensaio crítico, todo o processo de construção da história de cada um dos artistas contemplados pelo projeto e como eles se inseriram, enquanto revolucionários, nos contextos de sua época.

Heraldo do Monte foi escolhido como o primeiro homenageado nesta série.

Para tal, reunimos uma equipe multidisciplinar. Precisávamos de uma diretora de produção, e ninguém melhor que Marcela Bertelli, que havia editado o cancionário de Elomar Figueira de Mello. Convidamos o professor de guitarra

da Unicamp, Hermilson Garcia do Nascimento, o Budi Garcia, que a partir de suas pesquisas, percepções, e de conversas com Heraldo e com Sadao – fotógrafo que documentou parte da vida de Heraldo – elaborou o ensaio crítico que acompanha o cancionário. Gisa Bustamante, designer gráfica, ajudou a definir e criar a arte para a publicação, que precisava atender ao uso do material, ter sua beleza em consonância com a obra de Heraldo e preservar sua permanência no tempo. Luís do Monte já tinha quase todas as músicas escritas e estas, sob sua orientação, foram repassadas a Daniel Grajew, músico que atuou como copista atento e que contribuiu também com as transcrições. Cópias prontas, convidamos dois músicos para lê-las e tocá-las na frente de Heraldo e de Luís do Monte. Foram eles Edmilson Capelupi e Toninho Carrasqueira. O CD coletânea que incluímos na publicação foi possível sobretudo graças à cessão de fonogramas pela Som da Gente, e foi masterizado pelo técnico Maurício Cajueiro. Para todas as etapas, contamos com a presença atenta e disponível de Neide do Monte, filha e produtora de Heraldo. A poesia do olhar da fotógrafa Kika Antunes chegou para revelar ainda mais as cordas livres de Heraldo. Não podemos nos esquecer dos tantos artistas e amigos que enviaram os depoimentos que integram o material, da revisão de textos de Maria Clara Xavier e da assistência de Ana Rita Assis. A versão para o inglês ficou a cargo de Saulo Adriano. Bia Toth foi quem alinhou e fez as pontes necessárias para que o projeto obtivesse êxito. A publicação foi, então, prontamente acolhida pela editora Contraponto.

O Instituto Çarê faz deste livro a sua primeira publicação por acreditar que o passo inicial para um país se tornar grande seja reconhecer a sua própria cultura como ponto de referência e de partida no diálogo com o mundo que o cerca. Esperamos que este seja o primeiro de muitos cancionários.

Esta obra teve a concepção de Elisa Bracher e a coordenação de Ivan Vilela, que juntos assinam este texto.